
Entre o Blog e a Revista Impressa: Diferenças e Semelhanças entre duas Mídias Diferentes

Guilherme de Paula Pires

Mestrado em Jornalismo - Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG

Resumo

Este artigo faz uma análise de conteúdo comparativa entre uma reportagem científica impressa na revista *Piauí* e um post sobre o mesmo tema acessado no site *Questões da Ciência*, ambos assinados pelo jornalista Bernardo Esteves. Por meio da metodologia de análise de conteúdo proposto por Bardin, procurou-se evidenciar as singularidades e semelhanças de cada mídia.

Palavras-chave: Revista Piauí. Questões da Ciência. Análise de Conteúdo. Jornalismo científico.

Introdução

Este artigo tem como objetivo, em primeiro lugar, pensar as especificidades do blog científico *Questões da Ciência*, de autoria de Bernardo Esteves. O autor é repórter de ciência e editor da seção *esquina*, da revista *pianú*, cujo blog é vinculado. Este artigo, além de trazer uma breve descrição da revista e do blog, realiza uma análise de conteúdo, de acordo com Bardin (2009), de uma reportagem impressa intitulada “É osso”, e um post no blog *Questões da Ciência* “A genealogia e o abacaxi” que se refere ao mesmo tema: A pesquisa sobre pterossauros.

Ao entender as contribuições que os blogs proporcionam ao jornalismo científico, uma vez que “podem dar para o incremento do senso crítico do leitor e para elevação do nível de conhecimento das pessoas sobre os temas” (Dias, 2009, p. 179), este artigo é fruto de estudos para a futura dissertação cujo objetivo geral do trabalho gira em torno de compreender o que caracteriza o jornalismo científico

na revista *Piauí* e de que maneira ele se diferencia do que é “comum” da cobertura de ciência e que aspectos da singularidade ela encerra na abordagem dos acontecimentos científicos.

A Revista *Piauí*

Anunciada em agosto de 2006 na Festa Literária de Paraty (Flip), pelo *publisher* e documentarista João Moreira Salles, e Luís Schwarz, editor da Companhia das Letras, a revista *piauí* chegou às bancas dois meses depois, em outubro de 2006, com o propósito de ser uma revista que devolvesse aos leitores o prazer da leitura. De periodicidade mensal, *piauí* é uma revista que abriga poesias, quadrinhos, ficção, crítica, ensaio, mas, sobretudo é um periódico de reportagem. “Ela buscará os temas atuais,

embora não tenha pressa em chegar primeiro às últimas notícias”¹. Além de jornalistas, é possível encontrar textos assinados por artistas, escritores, desenhistas, ensaístas e críticos.

Editada pela editora Alvinegra, *piauí* é impressa em papel *pólen bold* 90 gramas nas capas, e *pólen soft*

70 gramas no miolo, pela Companhia Suzano Papel e Celulose, criada especialmente para a revista. Com um tamanho peculiar, em formato de *tabloide*, 27x35 cm, *piauí* foi criado “para² quem gosta de histórias com começo meio e fim”. Na própria capa, na qual não há fotos, só ilustrações, que “nem sempre (ou quase nunca) têm relação com as³ matérias que estão lá dentro”⁴, ou pelas manchetes, já é possível notar um dos aspectos mais marcantes da revista. O uso do humor: “A revista não será sisuda nem chata. Sisudez não é sinônimo de seriedade. Uma coisa não⁵ tem nada a ver com a outra. *piauí* terá humor, graça”⁵.

Outra característica do periódico é que na *piauí*, “jornalistas e escritores têm o tempo necessário para investigar e escrever, livres das urgências do jornalismo diário”⁶. Ou seja, a revista oferece a oportunidade para os jornalistas descobrirem histórias novas, ou ângulos novos sobre assuntos já abordados anteriormente pela mídia, mostrando que “não terá pressa em chegar primeiro às últimas notícias”.

Apesar de alegarem não ter feito uma pesquisa de mercado antes do lançamento da revista, em outubro de 2006, para saber qual era o público preferencial do

1 *piauí* vem aí. Release de apresentação da revista. Disponível em: <http://www.everaldivilela.com/wp-content/uploads/2009/02/texto1.jpg>.

2 Texto de apresentação da revista *piauí* – 1ª edição, outubro de 2006.

3 Revista destinada aos anunciantes.

4 Exclusivo, nenhuma manchete sobre a morte de Michael Jackson. (*piauí*, edição 34, 2011)

5 Texto de apresentação da revista *piauí* – 1ª edição, outubro de 2006.

6 (id).

periódico, podemos encontrar na revista destinada aos anunciantes, o que para *piauí*, é o seu leitor:

universitários – *se o universitário pertence à elite do público jovem, o estudante que lê piauí está no topo dessa elite;*

formadores de opinião – *quem define o que estará sendo pensado – e feito –*

no Brasil daqui um ano está lendo piauí hoje;

imprensa – *a liberdade editorial, a profundidade de apuração e o tempo para*

escrever fizeram da leitura da revista um hábito de grande parte da imprensa brasileira;

elite brasileira – *são pessoas que se interessam por artes, literatura, música, comportamento, arquitetura, e tantos outros assuntos que piauí cobre de maneira particular.*

Brasília – *piauí já entrou na rotina das pessoas que definem a agenda política no país.*

mercado financeiro – *perfis e grandes reportagens sobre o mercado*

financeiro fazem da revista leitura obrigatória para esse segmento.

meio cultural – *pela intenção de sempre revelar histórias que ainda não foram contadas, piauí repercute como nenhuma outra publicação no meio artístico.*

A periodicidade da *piauí* é mensal. Informações contidas na última edição publicada, de número 93, de

junho de 2014, auditada pelo Instituto Verificador de Circulação (IVC), mostra que a tiragem da revista é de 54.600 exemplares. Apenas três seções são encontradas desde a primeira edição da revista: *chegada*, que “é a abertura da *piauí*. São reportagens que ocupam apenas uma página, sobre um acontecimento que esteja estreando no mês em curso”. *Despedida*, “que em oposição à seção *chegada*, fecha cada edição da revista com um assunto que se encerrou no mês anterior”. *E esquina*, que são reportagens curtas sobre assuntos variados.

Mesmo que não reconhecido pelo *publisher* da revista *piauí*⁷, fica claro nas reportagens ali publicadas, que a forma é tão importante quanto o conteúdo, como afirma Salles em dissertação defendida por Crestani (2010)

Acertamos quando alguém começa a ler uma reportagem sobre um assunto que não lhe diz respeito e sobre o qual nunca pensou e chega ao final pelo simples prazer da leitura. Por essa razão o processo de edição é tão intenso. O conteúdo interessa, claro, mas a estrutura e a prosa também. Não é apenas o que se conta, mas como se conta (CRESTANI, 2010, p. 22).

Indo na contramão de publicações que reduzem o tamanho dos seus textos, apostando na rápida leitura, *piauí* explora o tempo: tanto para o jornalista que tem o

7 Em entrevista ao programa sempre um papo. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=P8V5OnHALmo&feature=giv>

tempo necessário para apurar a informação, quanto para o leitor, que terá que se debruçar por geralmente de seis a sete páginas de reportagens com poucas imagens.

O blog *Questões da Ciência*

São quatro os blogs pertencentes à revista *pianá*. *Questões Musicais*; *Questões do Futebol*; *Questões Cinematográficas*; e *Questões da Ciência*. Os blogs *Questões Musicais* e *Questões do Futebol*, são vários os autores que já assinaram posts no blog. No *Questões Musicais* assinaram posts Paulo da Costa e Silva, Emericida, Zeca Baleiro, Kassin, Eliete Negreiros, Arrigo Barnabé, Evandro Mesquita, Carlos Freitas, e Zélia Duncan. Já no Blog *Questões do Futebol*, assinaram posts Jorge Murtinho, Paulo da Costa e Silva, Renato Terra e Bernardo Esteves. Enquanto isso, nos blogs *Questões Cinematográficas* e *Questões da Ciência*, os autores são os mesmos desde a primeira postagem. Nos *Questões Cinematográficas* a autoria dos posts fica a cargo de Eduardo Scorel. No *Questões da Ciência*, como dito anteriormente, a autoria dos posts fica a cargo de Bernardo Esteves.

A primeira postagem de Bernardo Esteves no blog *Questões da Ciência* data do dia dez de março de

2011. No post o autor discute a validade do método científico. Nessa primeira postagem é possível observar a opção para compartilhar o conteúdo por meio do facebook, twitter e Orkut. Também nota-se a opção para imprimir o post, a presença de imagem e a opção para comentários. Nesse primeiro post 303 pessoas curtiram o conteúdo por meio do facebook, porém não houve o registro de comentários.

Na página inicial do blog, no lado direito da página, há uma breve descrição do blog:

Aqui você vai ler sobre aspectos do mundo científico que nem sempre têm espaço na imprensa, como os bastidores dos laboratórios, o universo da publicação científica e o cotidiano dos pesquisadores. A cobertura de ciência na mídia e curiosidades das pesquisas também terão lugar no Questões da Ciência⁸.

Ao todo são nove páginas de conteúdo do blog, todas com imagens, alguns posts com mais de uma imagem no conteúdo, e 12, de um total 86 posts produzidos desde 2011, continham vídeos. Embora a maioria dos posts não tenha relação com os assuntos reportados na publicação impressa, algumas postagens revelam entre outros assuntos os bastidores das reportagens publicadas pelo autor na revista.

8 Disponível em <http://revistapiaui.estadao.com.br/blogs/questoes-da-ciencia>

Análise de conteúdo: revista e blog

Para o presente artigo, cuja pesquisa de dissertação encontra-se em desenvolvimento, a partir daqui, a análise de conteúdo, de acordo com Bardin (2009), poderá ajudar na compreensão dos dois objetos estudados. Para a autora a análise de conteúdo, enquanto método torna-se um conjunto de técnicas que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens.

Para entender as especificidades de cada meio midiático, revista impressa e blog, o trabalho irá se concentrar na reportagem intitulada “É osso”, publicada na edição 93, junho de 2014, assinada pelo repórter Bernardo Esteves. E o post “A genealogia e o Abacaxi”, postada pelo mesmo jornalista na data de 27 de Junho de 2014, portanto 20 dias após a revista ir às bancas. Contemplando assim a primeira fase de exploração proposto por Bardin (2009), a pré-análise, que objetiva a sistematização, além da escolha de documentos a serem submetidos para análise.

Em seguida, segundo a autora, vem a exploração do material. Como pode ser observado no tópico a seguir. E finalizando o ciclo proposto por Bardin para análise de conteúdo explora-se o tratamento dos resultados: a inferência e a interpretação. Presente na conclusão.

Linguagem tradicional. Abordagem diferente

No trabalho de reportagem o repórter assina um perfil do Paleontólogo Alexander Kellner, um dos principais estudiosos de pterossauros no Brasil. Segundo Lima (2004) o perfil jornalístico significa dar o enfoque na pessoa – seja uma celebridade, um tipo popular, ou um cientista. Mas sempre o focalizado é o protagonista da história: sua própria vida.

A foto abaixo mostra o paleontólogo Alexander Kellner perfilado pelo jornalista Bernardo Esteves,



para a revista *piauí*. Esta é única foto que ilustra a reportagem de seis páginas. A foto acompanha a seguinte legenda: o paleontólogo Alexander Kellner é o principal estudioso dos pterossauros encontrados na Chapada do Araripe, no Nordeste brasileiro, onde está uma dos mais ricos depósitos de fósseis de répteis extintos em todo o mundo. Suas pesquisas já lhe renderam mal-entendidos e até uma prisão.

O *lead*, tradicional ferramenta utilizada pelos jornalistas para tentar captar o mais importante do acontecimento em um único parágrafo, diferentemente de outras publicações onde se encontra no início do texto, seguindo a lógica da pirâmide invertida (do mais importante para o menos importante), na reportagem analisada se encontra em cinco parágrafos. Na terceira página da reportagem.

Filho de pai alemão e mãe austríaca, Alexander Wilhelm Armin Kellner nasceu em setembro de 1961 em Vaduz, capital de Liechtenstein, onde seus pais estavam de passagem – moravam na Áustria e se mudaram para o Brasil quando o menino tinha 4 anos. O pai se estabeleceu no Rio de Janeiro como comerciante de pedras e joias.

Alto e longilíneo, Kellner tem 52 anos, olhos claros, covinha no queixo e traços inequivocamente germânicos. Com um chapéu de couro redondo e óculos escuros, poderia passar por um turista paramentado para um safári, se bem que poucos minutos de conversa bastem para revelar o sotaque e a alma carioca. Austríaco naturalizado brasileiro, Kellner fala alemão com a mãe e português

com a mulher e os dois filhos, torcedores do Fluminense como ele. Fascinado por animais voadores como o dragão Zok – que acompanhava os Herculóides no desenho norte-americano de ficção científica do fim dos anos 60 – e influenciado por um colega mais velho, decidiu estudar geologia. Contrariou o pai, que preferia que ele estudasse administração para tocar os negócios. Estudante de 1º ano, caiu-lhe nas mãos o fóssil de um animal que ele não soube identificar. Por recomendação de um professor, procurou Diógenes de Almeida Campos, especialista em répteis extintos que trabalhava na seção de paleontologia do DNPM – o Departamento Nacional de Produção Mineral, órgão responsável pela gestão do patrimônio fóssilífero do país. Ao ver a espessura do osso, Campos não teve dúvidas: “Isso é pterossauro.”

Entusiasmado, Kellner, que ainda não completara 19 anos, pediu um estágio a Campos e acabou conseguindo uma mesa e uma cadeira para estudar uma tarde por semana. O pesquisador do DNPM propôs que o estudante o ajudasse a descrever aquele fóssil e virou seu orientador. No mestrado, Kellner fez uma revisão dos pterossauros descobertos no Brasil e apresentou duas novas espécies. A pesquisa durou cinco anos e rendeu uma dissertação de 543 páginas distribuídas em três volumes.

No que se refere a linguagem pode-se perceber a predominância do uso da terceira pessoa em quase toda a reportagem.

Quem visita a chapada do Araripe não sente que está em pleno sertão. Como uma ilha úmida no semiárido, a paisagem é marcada por trechos de floresta densa e viçosa, em contraste com as árvores mais esparsas da caatinga que cerca a área (reservatórios de água subterrâneos explicam a discrepância). Às vésperas do Carnaval

fazia um calor suportável, surpreendente a quem espera um verão escaldante no coração do Nordeste...

Questionado sobre como copulavam os pterossauros, Kellner disse que seu ato sexual deveria ser bem semelhante ao das aves. Mas lembrou que os únicos registros do comportamento reprodutivo desses animais consistem nos raros ovos fossilizados encontrados. "Do ato em si eu não poderia afirmar nada."...

O pesquisador contou que, quando isso acontece, ele explica que estuda os fósseis mas não os compra, e que doações são bem-vindas. A situação não é incomum, e alguns podem se sentir tentados. À boca pequena, há quem sugira que muitos mestrados e doutorados defendidos no Brasil surgiram de material obtido por meios tortuosos. Mas toque nesse assunto com um paleontólogo e a conversa provavelmente esfriará.

Embora em determinados momentos, mesmo que em menor proporção, se formos considerar o fôlego do trabalho, nota-se a presença do repórter no texto. Pode-se perceber isso quando o profissional utiliza a primeira pessoa como forma de contextualizar a reportagem. Como nos exemplos a seguir.

Numa conversa telefônica, perguntei a Unwin quão bom é o conhecimento atual desses répteis alados...

O britânico minimizou as divergências quando pedi que comentasse o caso... Na manhã em que me relatou as desventuras daquele dia, Kellner se inflamou ao dizer que não fizera nada de errado e que fora tratado como contrabandista...

Em fevereiro fui recebido pela delegada Rejane Maciel... Na manhã em que me relatou as desventuras daquele dia.

Na reportagem de Bernardo Esteves nota-se a presença de diversas fontes consultadas para dar informação profissional e pessoal do perfilado, seja para retratar a situação de pesquisa paleontológica no país, ou para dar outras versões o que o perfilado disse. Entre pesquisadores, delegados, autoridades internacionais, juízes e chefes de instituições, onze fontes foram consultadas para a publicação da reportagem evidenciando assim a pluralidade de fontes no trabalho jornalístico dessa reportagem.

Linguagem diferente. Abordagem tradicional

Blogs, entendido neste trabalho como uma página de internet frequentemente atualizada cujo conteúdo possibilite a inserção de texto, imagem, som e vídeo, por meio de posts, editados por profissionais de comunicação, ou não, e que possibilitam que as notícias ganhem repercussão dentro e fora da blogosfera.

Weblogs possuem uma estrutura-padrão, um formato específico, com algumas variáveis, e por isso são facilmente reconhecíveis na internet. Tal estrutura é determinada por um conjunto de blocos de conteúdo textual e/ou imagético permanentemente renovado. Os weblogs são ainda organizados em função do tempo, ou seja, com as últimas atualizações na parte superior do sítio e as mais antigas logo abaixo, organizadas de acordo com a data de publicação do bloco

do texto, privilegiando a atualização mais recente, permitindo que o visitante saiba quando ou se o sítio fora atualizado (SILVA, 2003, p. 21).

Os blogs vem sendo adotados progressivamente pelo mundo jornalístico como uma forma de aprofundamento da informação, seja pela possibilidade de inserções de áudio, vídeo e imagens, e por possibilitar a interatividade entre jornalista e leitor. Na web 2.0 o leitor, de receptor a mensagem, se torna usuário, com possibilidades de alterar a mensagem. Isso acontece principalmente quando blogs aderem a ferramenta de comentários e compartilhamentos.

Uma das principais características dos blogs é a abertura para a interatividade entre a pessoa que escreve o blog (autor) e a pessoa que acessa a página (usuário). Relacionada ao contato interpessoal, a interatividade seria “*un tipo de comunicación posible gracias a las potencialidades específicas de unas particulares configuraciones tecnológicas*” (VITTADINI, 1995 p. 154).

Ao observamos o post estudado podemos notar a possibilidade de interatividade com o jornalista responsável pelo blog por meio da seção comentários, situado logo abaixo ao término do conteúdo postado. Na referida seção basta que o usuário insira nome, e digite o código validador para ver o seu comentário ser inserido na postagem. A postagem analisada não

recebeu nenhum comentário. Mas algumas postagens anteriores notou-se a presença de comentários e que por vezes o profissional responsável pelo blog, usa o comentário exposto para tratar do assunto em postagens futuras.

Outra característica presente no blog é a possibilidade de acessar outras informações referentes ao assunto por meio de hipertextos. Diferentemente da revista impressa, que

lbe impõe uma forma, uma certa organização linear, uma ordenação dos textos que está na superfície do papel, que ‘salta aos olhos’. No online, a organização da informação acontece por ‘camadas’ ou menus, e o usuário vai localizando o que lbe interessa através dos cliques nos links e sem a possibilidade de ‘esbarrar’ nas outras informações, senão as selecionadas (MIELNICZUK, 2000, P. 8).

Conteúdos em blogs também possibilitam que você acesse outro material a partir do ponto principal se tornando assim um único gran de material. Tudo isso depende de como o usuário irá proceder enquanto estiver acessando o blog. No post “A genealogia e o abacaxi” notamos a presença do hipertexto por todo o conteúdo. Quando clicado, o primeiro link encaminha para o site da Academia Brasileira de Ciência da qual o personagem principal do post, Diogenes de Almeida Campos é integrante. Em seguida o próximo link encaminha para a reportagem da revista impressa,

trabalho original do repórter. No total o autor lança mão de cinco links que direcionam para outros caminhos externos ao do blog.

No que se refere a linguagem podemos notar diferenças em relação a revista. A principal delas diz respeito ao tempo verbal. Como o blog abre a possibilidade de uma comunicação mais interpessoal, diferentemente do jornalismo, mesmo o de caráter interpretativo onde o gênero reportagem está inserido, nota-se que o jornalista não tem essa preocupação em tentar se descolar dos fatos. E até mesmo traz informações de gosto pessoal para o assunto quando, por exemplo, traz a informação de que a música “o abacaxi de Irará”, de Tom Zé, diz respeito à mesma cidade onde Diogenes Almeida Campos nasceu.

Outra diferença em relação à revista impressa e o blog, é em relação ao próprio personagem principal em cada meio. Enquanto que na revista impressa o repórter retrata o trabalho de Alexander Kellner, no blog *Questões da Ciência* é Diogenes Almeida Campos que se torna o assunto da postagem. O nome de Campos é citado uma única vez na versão impressa quando o repórter traz a informação que ele foi o orientador e parceiro de pesquisa iniciais de Kellner.

Diferentemente da revista onde se encontra apenas uma foto de Alexander Kellner em campo, no blog são três as imagens que compõem a postagem, além

do vídeo clipe do compositor Tom Zé “O Abacaxi de Irará”, no final da publicação.



Apesar de a linguagem ser semelhante à de qualquer outro blog, portanto mais interpessoal e com abertura de diálogo entre autor e usuário, a abordagem para retratar o assunto é o mesmo presente na revista impressa. O uso das aspas e a tentativa de construir uma cenografia para reportar o que aconteceu durante o trabalho do repórter em campo:

Conbeci a coleção numa visita guiada por Campos numa manhã no começo do ano. Os fósseis se espalham por todos os cômodos do prédio, dispostos em mesas, armários, estantes e gavetas. Numa sala que abrigava o material coletado pelo próprio Price, o paleontólogo destacou as peças que mais lhe chamavam a atenção. “Ali é o úmero de uma preguiça gigante da bacia do Araripe”, apontou. “Este é um osso de mastodonte, e aqui temos uma vértebra de saurópode”, disse, referindo-se a um dinossauro herbívoro de grande porte.

Embora se possa notar a tentativa de estabelecer uma relação entre o conteúdo veiculado na revista e a postagem no blog, já que um dos links redireciona para a reportagem publicada na versão impressa, elas necessariamente não se relacionam. O leitor que se deparar com o blog não vai receber mais informações daquelas do que estão na revista. Ele irá receber

outras informações para além daquelas que já estão na revista.

Conclusão

Ao realizar a análise de conteúdo da reportagem publicada na versão impressa da revista *pianú* “É osso”, e da postada no blog “A genealogia e o Abacaxi” publicada no blog *Questões da Ciência*, ambos assinadas por Bernardo Esteves, infere-se que, por se tratar de uma revista que ainda tem muito apreço pelo papel, a prioridade para os assuntos se concentra no impresso.

E ao eleger uma prioridade de publicação isso não quer dizer que o blog não tem suas especificidades frente à revista. Entre elas estão a quantidade de fotografias em cada post, a abertura para comentários, o compartilhamento por meio das redes sociais, hiperlink com acesso a informações externas do sitio do blog ou da revista e vídeos.

Portanto, mesmo a revista *pianú*, conhecida pelo seu apreço ao papel e a forma de contar o assunto, nota-se que a publicação não despreza as possibilidades que se abrem com o meio eletrônico.

Referências

- BARDIN, L. Análise de Conteúdo. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009. CRESTANI, Jaqueline. *Narração e jornalismo*. O narrador na “esquina” de piauí. Monografia. Departamento de Comunicação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.
- DIAS, Heloiza. Blogs e tendências no jornalismo científico. In BORTOLIERO, Simone; CALDAS, Graça; VICTOR, Cilene (Orgs). *Jornalismo Científico e Desenvolvimento Sustentável*. São Paulo: All Print Editor, 2009.
- LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2004.
- MIELNICZUK, Luciana. Interatividade como dispositivo do jornalismo nline. *Revista FACOM/UFBA*: 2000. Disponível em: http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2000_mielniczuk_interatividadedispositivo.pdf
- PIAUÍ. Rio de Janeiro: Edição 34. Junho de 2014.
- PIAUÍ. Rio de Janeiro: Edição 93. Junho de 2014.
- SILVA, Jan Alyne. *Mãos na Mídia: Weblogs, Apropriação Social e Liberação do Pólo da Emissão*. 2003. Dissertação de mestrado defendida na Universidade Federal da Bahia (UFBA).
- VITTADINI, Nicoletta. Comunicar con los Nuevos Media. In: BETTETINI, Gianfranco; COLOMBO, Fausto. *Las Nuevas Tecnologías de la Comunicación*. Barcelona: 1995.